

INFORMÁTICA E MERCADO DE TRABALHO DO JORNALISTA

Luis Sérgio Santos (*)

1. Introdução

A informatização da sociedade é mais um fenômeno que vem no bojo das transformações radicais por que passam as civilizações do Planeta. Marcadas por avanço tecnológico vertical e sem nenhum paralelo na história da humanidade, esse fenômeno é responsável pelo surgimento de uma nova civilização; pela miniaturização das distâncias na mesma progressão em que os miniaturizados chips tornam-se cada vez mais superdotados; pela agilização dos processos; pela centralização dos dados e das informações; pela velocidade do “ao vivo”; pela comunicação *on line* de dados. Nesse sentido, concorre de modo claro e direto para a acentuação da aldeização de que nos fala o pensador Marshall McLuhan. A interação nacional e internacional exerce um verdadeiro fascínio sobre as pessoas. Hoje é determinante do nível de urbanidade de estágio civilizatório.

O advento recente e definitivo dos chamados “bancos 24 horas” é bem uma demonstração das facilidades provocadas por este fenômeno que Alvin Toffler, um sagaz futurólogo americano, apelida com bons resultados práticos e teóricos, de “a terceira onda” — a nova revolução industrial. Evidente que “o banco”, bem como outros benefícios provocados pela tecnologia, são serviços de elite no sentido de que os usuários de tais serviços são pessoas letradas, que desenvolvem a técnica da manipulação dos equipamentos e dispõem de poder aquisitivo suficiente para justificar a utilização. Bem mais elite são os diversos projetos de comunicação de dados existentes no país, acessados apenas pelo que se chama de “comunidade informatizada”. Vide os projetos Ciranda, da Embratel, e outros

(*) Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará.

menos difundidos. A "comunidade" é interligada por terminais de computadores e tem acesso tanto à comunicação interpessoal quanto à comunicação via banco de dados.

Esses, porém, são apenas alguns aspectos visíveis da informatização da sociedade. Na verdade, esta é uma *revolução silenciosa* que se desenvolve em frios laboratórios com o objetivo único de ganhar a terrível corrida humana contra o tempo. Esse objetivo, entretanto, é administrado como convém aos regimes políticos, aos governos, aos Estados e aos sistemas.

Por trás dos avanços visíveis está a guerra fria da corrida tecnológica, a dependência dos países do Terceiro Mundo, o imperialismo dos países industrializados, o monopólio do *hardware* e do *software*.

Além do que a informatização da sociedade é um processo complexo, pois envolve a telemática e a cibernética que trazem, em seu bojo, a microeletrônica. Tudo isso possibilita a automação, a telematização; o controle remoto e o processamento de dados que estão na telefonia, no supermercado, no televisor, no satélite, no avião, no metrô, no banco, na conta da luz etc.

Numa perspectiva de massa essas evoluções são fundamentais. O avanço dos processos, que caracteriza a revolução silenciosa, porém, possibilita várias interpretações e, pelo menos, uma grande conclusão. As desigualdades sociais continuam cada vez mais acentuadas. A informática cria focos industrializados no Terceiro Mundo enquanto que os problemas sociais urgentes se acentuam ainda mais.

Informática, então, é uma discussão de elite, no contexto dos países de Terceiro Mundo. Uma discussão urgente, porém, já que o socialismo democrático que rege hoje as lutas das massas prevê o rateio das riquezas e, nesse contexto, a tecnologia é elemento propulsor da produção industrial. Além do que o imperialismo articula-se internamente através de *lobbies*, de testas de ferro e até de *joint-ventures*. E precisa ser contido.

Vejamos o clássico exemplo de Mathuen. No início da Revolução Industrial ele, em nome da Inglaterra, propôs a Portugal um acordo de cooperação. O seu país dominaria a produção mundial de máquinas a vapor enquanto Portugal continuaria produzindo finos vinhos. Foi, claro, um acordo lusitano, mas não a última do português. Hoje, o imperialismo na área de telecomunicações (material profissional, componentes eletrônicos, satélites etc) é domínio mundial dos Estados Unidos. Em 1980 os EUA participavam em 71 por cento do mercado internacional, contra 21 por cento do Japão e 8 por cento da Europa. O monopólio da formação dos Estados Unidos tem homogeneidade em multinacionais como a IBM, a NCR, a ATT, a RCA e a ITT. Tudo isso dentro de uma conjuntura de ostensivo protecionismo e vigilância.

2. Os meios

Tecnologia e indústria. Indústria e tecnologia. Impossível falar num evento e esquecer o outro. A indústria cultural, da qual os meios de comunicação de massa funcionam como pontas de lança — ou vanguarda, preferem alguns — é resultante do avanço tecnológico, das necessidades de mercado (muitas das quais artificiais e fomentadas pela propaganda e do crescimento populacional).

Embora a idéia de tecnologia de comunicação de massa esteja imediatamente associada à mídia eletrônica, foi o desenvolvimento tecnológico que possibilitou — primeiramente — o caráter industrial dos jornais e que se conjuga hoje todos os níveis da comunicação. A comunicação passa a ser um produto de consumo massivo, através das embalagens impressas, auditivas e audiovisuais.

Como pioneiro da indústria cultural o jornal impresso sempre comportou-se de maneira discreta a esse respeito, preservando métodos semiartesanaís e mecânicos na produção gráfico-industrial. Sua condição tecnológica foi ainda mais esquecida com o advento da televisão para onde convergiram todas as atenções, tanto do ponto de vista da forma quanto do conteúdo. Enquanto o produto jornal tinha no papel sua matéria-prima base para a industrialização, a tevê incursionava por caminhos outros ao herdar todos os avanços teletecnológicos em constante mutação na produção, na emissão e na recepção sempre a favor do item alta definição e qualidade. Só mais tarde (1970) a televisão progressivamente absorveria aspectos do jornal com a sofisticação gráfica de suas vinhetas. O caso específico da televisão brasileira é bastante exemplar no tocante à plasticidade e ao grafismo. Furou o bloqueio do mercado internacional exportando os programas produzidos aqui com padrões de qualidade compatíveis às exigências exteriores. Desenvolveu seu próprio *know-how* nas transmissões ao vivo, nas grandes coberturas e nos grandes eventos.

Contraditoriamente, a expansão e o aperfeiçoamento da televisão, enquanto tecnologia e enquanto produto da indústria cultural, representam sempre o crescimento do mercado de trabalho ao passo que a expansão e crescimento dos meios impressos representam, proporcionalmente, diminuição da força produtiva.

Isso, a nível de uma emissora de tevê que produz sua própria programação, seja ela jornal, novela, humorístico, filme ou programa de auditório. Nesse sentido, as maiores emissoras de televisão do Brasil são pródigas. Nos dois primeiros meses de 1985, as maiores audiências domiciliares da televisão no Rio de Janeiro eram produções nacionais, segundo pesquisa da *Folha de S. Paulo*. Vereda Tropical (65%), Jornal Nacional (64%), RJ TV (2.^a edição) (62%), Futebol — Internacional x Botafogo (14%), Programa Sílvio Santos

(12%). A estimativa da audiência toma por base a média obtida por outros programas transmitidos no mesmo horário.

Porém, quando essa emissora de televisão passa a comandar uma rede, acentua-se aí o fenômeno da terceira onda, pois a rede dispõe, para sua integração nacional, de sistemas sofisticados de telecomunicações. As telecomunicações domésticas no Brasil são via Brasilsat e a comunicação de dados é telematizada.

As redes de televisão estão sediadas em pólos conjuntamente mais avançados e dali exercem sua política colonizadora. Nessa perspectiva, a produção regional de televisão fica comprometida pois as emissoras regionais passam a repetir uma programação homogênea que reflete sobre o mercado profissional. A discussão limita-se, portanto, entre o individual e o coletivo.

No Brasil, a Rede Globo tem sua programação repetida através de 52 canais, mantendo a liderança e uma grande margem de vantagem sobre a segunda colocada, o SBT, com 25 canais.

A mídia impressa caminha por outros meios. Os jornais de perspectiva nacional (*Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil e o Globo*) têm tiragens proporcionalmente reduzidas se compararmos a outros centros do planeta. Uma média de 400 mil exemplares/dia. A informatização da mídia impressa representa, de imediato, demissão de trabalhadores. Os terminais e os programas interligam todos os níveis da produção linearizando o editorial e o industrial, através do *on line*.

Tal interligação representa a eliminação de vários estágios artesanais que representam a produção de pessoal. Os mais imediatamente atingidos são a diagramação e a revisão que passam a ser desenvolvidas a partir de programas.

Outra questão emergente, nesse contexto, é a do banco de dados. As informações são armazenadas e aparecem no vídeo a um chamado do comando. Essas informações, assim, podem aparecer em vários vídeos ao mesmo tempo desde que várias pessoas tenham códigos para acessá-las. Isso significa que uma mesma informação, produzida por um único profissional, pode aparecer em vários terminais de vídeo de vários veículos, em várias localidades.

Quanto à transmissão telefotográfica do *paste-up*, temos o nosso exemplo brasileiro da *Gazeta Mercantil*, que circula simultaneamente em várias capitais do país, tendo suas matrizes transmitidas através do laser. Assim, apenas a impressão e o noticiário local são realizados na sucursal.

3. O mercado

Na opinião do diretor do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos, Walter Barelli, os sindicalistas

não são contra o processo de automação, pois o consideram irreversível e benéfico. O que os sindicalistas querem é a imediata participação no processo de introdução das novas tecnologias na indústria. Dados oficiais projetados para os próximos cinco anos mostram que a automação das indústrias brasileiras, com a introdução de computadores e robôs nas fábricas e escritórios, deve desempregar de 800 a 2 milhões de trabalhadores.

Essa projeção é baseada no fato de que a introdução de cada máquina-ferramenta de controle de processos em indústria desemprega em média cinco operários. Foi a pesquisadora argentina Lúcia Segre, coordenadora do programa de pós-graduação em engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quem chegou à conclusão de que até 1990 os computadores e outros equipamentos eletrônicos substituirão nos setores secundários (industrial) e terciário (serviços) entre 800 e 2 milhões de trabalhadores.

Segre destaca, porém, que o nível desemprego dependerá:

- 1) do ritmo que as indústrias imporão ao processo de automação;
- 2) da força dos trabalhadores na imposição de cláusulas que obriguem à reciclagem profissional.

Não são poucas as dificuldades que se aliam à oposição de um quadro positivo na questão da informatização da sociedade. A própria política nacional para o setor, através do projeto de lei aprovado em 1984 pelo Congresso Nacional — que estabelece a reserva de mercado —, teve vetado um artigo que preconizava a criação de comissões paritárias de padrões e empregados para o estudo da implantação de novas tecnologias nas indústrias e escritórios. Posição de Walter Barelli do DIEESE: o movimento sindical brasileiro apóia o avanço tecnológico mas com a condição de que o ganho de produtividade seja apropriado também pelos trabalhadores e pela sociedade como um todo e não apenas pelos empresários.

O discurso de segmentos minoritários que buscam o parâmetro do Brasil com outros países é absolutamente irreal. Não pode ser feito um parâmetro entre Japão e Estados Unidos, tendo em vista que ali as realidades são absolutamente diferentes. Enquanto o Brasil está na faixa dos países do Terceiro Mundo, os outros dois são países industrializados — imperialistas — e exportam suas diferenças sociais e o vinhoto do seu capitalismo para as águas do Terceiro Mundo, onde o desemprego e as diferenças acentuadas, através da brutal segmentação da sociedade, gera entre outras coisas, o desemprego. O modelo capitalista brasileiro mostra que a informática otimiza o tempo a favor do enriquecimento de poucos.

No Brasil, 6 por cento dos trabalhadores da indústria de transformação (8,0 milhões de trabalhadores, segundo o censo de 1980; também segundo esse censo sabe-se que no Brasil existem 50 milhões de pessoas da população economicamente ativa), estão empregados na área eletrônica. Desses, cerca de 10 por cento (800 mil) seriam atingidos pela automação. Esses, segundo algumas teses, podem ser retrainados e preparados para outras funções.

4. Conclusão

A informática, como vimos, não é em si um problema. O problema está em sua administração. Ou em quem a administra. Ou em nome do que e de quem ela está sendo administrada. O problema, portanto, é conjuntural. O fenômeno da revolução silenciosa não pode ser ignorado. Ele exige a nossa participação e a nossa presença. A política nacional de informática deve ser reestudada para que se chegue à consecução de pelo menos essas três propostas do DIEESE:

- 1) Redução da jornada de trabalho para que o desemprego provocado pela automação seja reduzido;
- 2) Criação do seguro-desemprego;
- 3) Moratória tecnológica com base no modelo australiano. Ali, os trabalhadores não podem ser demitidos durante cinco anos, quando estão introduzidas na empresa equipamentos de automação.

5) Bibliografia

- 1 — EVANS, Christopher. *O Poderoso Micro*. Forense, Rio de Janeiro, 1984.
- 2 — MELLO, Rodney. "Os Jornais na era Eletrônica". *O Estado de São Paulo*. 19 de maio de 1985.
- 3 — SANTOS, Luís Sérgio. *Impacto das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação*. Cobra Computadores, 1984.
- 4 — TAVARES, Cristina e SELIGMAN, Milton. *Informática — A Batalha do Século XXI*. Paz e Terra, São Paulo.
- 5 — TOFFLER, Alvin. *A Terceira Onda*. Record, Rio de Janeiro, 1982.
- 6 — ————. — *Previsões & Premissas*. Record, Rio de Janeiro, 1983.